

## O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO DO FILOSOFAR

### THE SUPERVISED INTERNSHIP IN PHILOSOPHY AS A PHILOSOPHICAL EXERCISE

*Adriana Alves de Lima Lopes<sup>1</sup>*

Recebido: 08/2019

Aprovado: 11/2019

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo principal destacar a relevância do estágio supervisionado em Filosofia. Para isso, contra uma visão instrumentalista do ensino, partimos do pressuposto de que o ensino de filosofia exige uma interconexão entre teoria e prática, na qual a formação docente requer uma abertura para a filosofia, pautada na experiência do filosofar como atividade problematizante. Nessa perspectiva, entendemos que compete também ao professor de filosofia um ‘colocar-se no mundo’, na compreensão de que o ensino de filosofia exige também uma reflexão criativa da realidade, como um intermédio entre linguagem e mundo. Desse modo, dividimos o presente artigo em duas partes: a primeira, apresenta uma análise da definição de estágio como prática reflexiva e atividade filosófica; a segunda, interliga a formação docente na proposta de ensino de filosofia como interdisciplinar e dialógica.

**Palavras-chave:** estágio; filosofia; ensino.

**Abstract:** This text aims to highlight the relevance of the supervised internship in philosophy. For this, against an instrumentalist view of teaching, we start from the assumption that the teaching of philosophy requires an interconnection between theory and practice, in which teacher education requires an openness to philosophy, based on the experience of philosophizing as a problematizing activity. From this perspective, we understand that it is also up to the philosophy teacher to ‘put himself in the world’, in the understanding that the teaching of philosophy also requires a creative reflection of reality, as an intermediary between language and the world. Thus, we divided the present article into two parts: the first presents an analysis of the definition of stage as reflective practice and philosophical activity; the second links teacher education in the proposal of philosophy teaching as interdisciplinary and dialogical.

**Keywords:** internship; philosophy; teaching.

### O estágio supervisionado como prática reflexiva.

Para nossa análise, partimos do pressuposto de que o estágio supervisionado curricular obrigatório nos Cursos de Graduação em Filosofia consiste em uma atividade que envolve uma

---

<sup>1</sup> Professora Assistente III Uespi/Parnaíba-PI. Doutoranda em Filosofia/UFC. E-mail: [adrianalp@phb.uespi.br](mailto:adrianalp@phb.uespi.br)

série de capacidades e aptidões que articulam as dimensões do ensino e da pesquisa de modo dinâmico, pois como esclarece Araújo (2015),

A docência não se restringe a prescrições e a modelos previamente preparados. Ela é construída na prática dos sujeitos que se situam historicamente no meio social. Dessa maneira, os saberes da teoria da educação mobilizados no processo de formação são necessários para que ocorra a compreensão da prática docente. Esses saberes também possibilitam o desenvolvimento de habilidades para que os professores possam investigar a sua própria prática, produzindo os seus saberes-fazer docentes, originando a produção de novos saberes. (ARAUJO, 2015, p. 53)

Sob essa perspectiva, identificamos que a articulação entre os saberes teóricos adquiridos e a prática docente proposta por Araújo, reivindica uma epistemologia prática que repercute diretamente nos estágios supervisionados, pois nos leva à compreensão de que a dinamicidade do processo de formação docente, contempla uma ação em que teoria e prática são postas como complementares e interligadas. Pois, como escreve Araújo, “dessa maneira, o estágio não se configura como um espaço de praticar teorias, mas sim o lócus do pensamento do professor acerca de sua prática; e está assentado em uma ideia de formação docente que tem como base a prática reflexiva”. (ARAUJO, 2015, p. 55)

Dessa forma, o intuito de assumir o estágio supervisionado como prática reflexiva, nos faz pensar a formação da docência em Filosofia como uma atividade que não está voltada somente para uma análise crítica dos problemas filosóficos que assolam a História da Filosofia; assim como, além da tentativa de definir ou elucidar conceitos filosóficos, sua ação implica abertura, ampliação de horizontes de sentido de compreensão do mundo, postos pela própria experiência do ensino de filosofia.

Nesse sentido, quando nos deparamos com a disciplina de Estágio Supervisionado nos Cursos de Graduação em Filosofia, algumas questões são bem contundentes entre os estagiários: Há uma didática em ensino de filosofia? A prática docente consiste numa tentativa de aproximação dos conteúdos curriculares à realidade dos alunos? Que metodologias podemos utilizar em sala de aula para dialogar com os alunos? O que nos torna um bom professor de filosofia?

Na tentativa de orientá-los para a função do estágio no início da formação docente, não como uma atividade puramente burocrática, mas como uma experiência necessária para o exercício da filosofia, julgamos pertinente nos aproximarmos da definição de Cerletti, na afirmação de que “ensinar filosofia é antes de mais nada ensinar uma atitude em face da

realidade, diante das coisas, e o professor de filosofia tem que ser, a todo momento, consequente com esta maneira de orientar o pensamento” (CERLETTI, 2003, p. 62). Nesse âmbito, cabe ao estagiário colocar-se à disposição dessa atitude, cuja atividade consiste em extrapolar as barreiras de uma postura puramente técnica, instrumental do fazer pedagógico, de mera transmissão de conteúdos e compreenda o filosofar como participante, como prática reflexiva de orientação do pensamento na busca de sua própria autonomia.

Por conseguinte, um dos grandes desafios como professor de Filosofia hoje é justamente pôr as questões em movimento, em promover uma atividade cuja reflexão permita uma ampliação de sentidos do homem contemporâneo em uma espécie de circularidade entre passado, presente e futuro. O que, por sua vez, nos permite pensar o ensino de filosofia como problema filosófico, pois à medida em que as questões se põem e re-põem no diálogo entre aluno e professor, esse último deve ter a clareza de orientar os alunos não só para a problematização crítica acerca dos conteúdos expostos, mas também para a argumentação e a reinvenção de seus conceitos. Construindo, assim, uma síntese entre o fazer e o saber filosófico e transformando a aprendizagem dos conteúdos de filosofia em uma atitude eminentemente filosófica.

Porém, essa postura problematizadora da reflexão filosófica enfrenta as visões superficiais do senso comum, que molda o homem em certezas pré-estabelecidas fundamentadas em verdades cristalizadas no decorrer da história. Destarte, enquanto mediação dessa ação problematizante, a prática reflexiva da filosofia consiste na tentativa de mostrar ao aluno a possibilidade de outras significações e formação de outros saberes, no desenvolvimento de sua autonomia de pensamento. Assim, entendemos o estágio como prática reflexiva, pois à medida em que iniciamos a docência como um convite a uma ressignificação das questões que norteiam o pensamento filosófico, estamos direcionados não somente a uma aplicação de conteúdos, mas a uma atividade filosófica imprescindível para a nossa formação humana.

Nesse sentido, concordamos com a posição de Cerletti (2009), que discorre sobre a complexidade do ensino de filosofia:

Porque cada passo que se dê em direção à pretensão de ensiná-la implica ter que envolver-se filosoficamente com o que se faz e não apenas didaticamente. Ensinar filosofia se superpõe a ensinar a filosofar porque o característico dela é a atividade de seu exercício. Decidir que se vai ensinar supõe também ter que integrar o como fazê-lo, já que o que se deverá ensinar será essencialmente o desdobramento de uma ação: o filosofar. E o filosofar envolve aqueles que o fazem ou tentam fazê-lo, já que toca o querer de cada um. A tarefa de ensinar filosofia não consiste meramente em recortar um domínio do saber para passá-

lo de um professor a uns alunos, mas antes de construir um espaço compartilhado em que possa ser possível filosofar. (CERLETTI, 2009, p.174)

Desse modo, compreendemos que a função do Estágio Supervisionado em Filosofia é lançar os estagiários nesse emaranhado de espaços nos quais a Filosofia se insere, de modo a permitir esse contato mais direto com o ‘filosofar’ enquanto exercício filosófico por excelência. Destarte, entendemos que a tentativa desse exercício representa o primeiro passo para a prática docente em filosofia, pois é no reconhecimento dessa atividade, que podemos desenvolver os demais passos didático-pedagógicos próprios da atividade docente. Geralmente, quando pensamos no processo de formação docente em Filosofia, referimo-nos à figura do professor de filosofia já em pleno exercício de sua função; assim, identificamos a necessidade do reconhecimento desse ‘filosofar’ no estágio de formação acadêmica, posto que a defesa do estágio supervisionado em Filosofia sob a ótica de uma práxis reflexiva, pode orientar esse futuro profissional para a realização dessa experiência do filosofar.

### **Os desafios da formação docente em filosofia**

Um dos aspectos que destacamos, diz respeito à formação docente dos professores de filosofia nas escolas. Com uma carga horária mínima nas escolas (geralmente uma hora-aula semanal), fica difícil uma atividade pedagógica mais complexa em virtude do contato do professor/estagiário com cada turma. Essa questão está atrelada também ao fato de que muitos professores que ministram a disciplina de filosofia não são formados na área, sendo direcionados para isso como complementação de sua carga horária, especialmente na rede pública de ensino. Essa situação reflete diretamente no ‘como ensinar’, no como chegar a um espaço compartilhado de saberes, pois tal situação exige a efetivação de algo para o qual não se possui o preparo adequado para fazê-lo.

Este fato, por sua vez, reflete na formação do estagiário, ao se deparar com uma sala de aula, para observar os procedimentos metodológicos de um professor e assim, realizar a sua prática docente, depara-se com um profissional muitas vezes alheio às questões propostas pela Filosofia. Embora tenhamos de reconhecer o esforço de muitos professores, mesmo assim percebemos uma limitação na explanação dos conteúdos, bem como naquilo que defendemos como essencial ao exercício filosófico: a construção do filosofar no debate e nas reflexões levantadas no diálogo com os alunos.

Nesse contexto, o distanciamento dos conteúdos da disciplina de filosofia e as reflexões

a serem construídas no diálogo das temáticas, pode restringir a ação do professor à mera reprodução de ideias. Contrariamente a essa vertente, faz-se mister esclarecer que a defesa do exercício filosófico que apontamos aqui, exige a atuação do professor de filosofia como mediador, no sentido de que também cabe a ele a missão de sensibilizar os alunos para o debate filosófico, instigá-los a formar suas próprias ideias, a desenvolver a sua autonomia de pensamento frente às questões que norteiam a sua história, política, cultura, sociedade, dentre outros.

### **O ensino de filosofia entre interdisciplinaridade e dialogicidade**

Outro aspecto da experiência de estágio que destacamos diz respeito à compreensão da disciplina de Filosofia como interdisciplinar. A nosso ver, essa aproximação permite à disciplina de filosofia dialogar diretamente com a pluralidade de temáticas, o que amplia seu horizonte para outras áreas e saberes. Porém, é nítido esclarecer que a proposta interdisciplinar que defendemos para o ensino de filosofia não a compreende como um saber dependente de outros saberes, nem tampouco se restringe a temas transversais nos quais a filosofia se apropria para validar seus argumentos. Posto que, compreendemos que o caráter dialógico da Filosofia é o que demarca esse aspecto interdisciplinar, no seu modo próprio de investigação e busca de sentido do mundo. A proposta da interdisciplinaridade para a filosofia nos faz reafirmar o lugar do diálogo na construção e efetivação dessa experiência filosófica.

Por conseguinte, a defesa do diálogo como essencial à experiência filosófica é o que possibilita ao estudante, ao professor, ao estagiário a experiência do filosofar; Pois, como adverte Cerletti:

A filosofia não é uma questão privada, ela constrói-se no diálogo. Ensinar significa tirar a filosofia do mundo privado e exclusivo de uns poucos para expô-la aos olhos de todos, na construção coletiva de um espaço público. por certo, cada um escolherá se filosofa ou não, mas deve saber que pode fazê-lo, e que não é um mistério insondável, tesouro de poucos. E nisso o professor tem uma tarefa fundamental: estimular a vontade. Ensinar filosofia é convidar a pensar. É convidar a compartilhar uma atividade que supõe um esforço, é certo, mas abre a enorme perspectiva de chegar a enfrentar-se com o novo. E quando se possibilita a novidade, quando aparece algo que antes não havia, em alguma medida, transformamos o mundo. (CERLETTI, 2008, p. 41).

Desse modo, enquanto ação problematizante e propiciadora da construção de novos saberes e pensamentos, o ensino de filosofia é processo, é uma atividade cujo movimento,

consiste numa dinamicidade entre teoria e prática, que permite ao professor uma atitude singular no exercício de sua docência, uma práxis eminentemente filosófica. Nesse âmbito, o estágio supervisionado em filosofia, permite inicialmente, a percepção da relevância do diálogo a partir do seu próprio reconhecimento como futuro professor, na reflexão do modo como esse exercício relaciona-se com os outros.

Nesse contexto, a perspectiva dialógica do ensino de filosofia parece corroborar com o pensamento de Kohan (2013), ao identificar o ensino de filosofia como uma oficina de pensamento, em que o professor precisa estar preparado para o exercício da docência. Enquanto oficina, cabe ao professor de filosofia desenvolver uma série de habilidades para a efetivação desse processo de ensino:

Um professor de filosofia professa textos, problemas e conceitos. Tem coisas para pensar e dizer. Não se cala. Desafia. Lê. Pensa. Escreve. Pergunta. Argumenta. Aprende a se calar. E a dizer novamente. Um aluno se alimenta dos textos, problemas e conceitos. Escuta. É desafiado. Lê. Pensa. Escreve. Pergunta. Argumenta. Aprende a falar. E a escutar diferentemente. À sua própria maneira e com seu estilo, professor e alunos de filosofia aprendem a ler, a problematizar, a criar conceitos para os problemas comuns que eles desejam pensar juntos. (KOHAN, 2013, p.83)

Dessa forma, concebemos que a defesa de uma perspectiva dialógica e interdisciplinar para o ensino de filosofia nos direciona para um passeio na história que ultrapassa o campo puramente especulativo, teórico, e nos direciona para uma consciência histórica, capaz de reconstruir-se numa ampliação de horizontes da própria linguagem.

Por sua vez, a defesa do ensino de filosofia enquanto oficina de pensamento condiz também com a proposta de compreensão do ensino como um laboratório que possibilita a interdisciplinaridade de conhecimentos. Carminati (2012) vai mais além e amplia isso para uma formação multidisciplinar, pois para o autor:

Parece fundamental pensar as práticas pedagógicas dos professores que lecionam Filosofia e os fundamentos do ensino enquanto laboratório. Pensar um laboratório de Filosofia significa exercitar os fundamentos das teorias filosóficas através de práticas dialógicas e investigativas do grupo. Trata-se, então, de repensar a formação filosófica e pedagógica dos professores – de perfil disciplinar – no sentido de transformá-las em um projeto que possa fazer e exercitar novas práticas educativas onde a Filosofia se constitui e é constituinte para um perfil multidisciplinar. (CARMINATI, 2012, p. 31)

Dialogar com os alunos em sala de aula significa também transpor àquilo que está nos

livros, nos textos de filosofia, e nos coloca em contato com esse emaranhado de possibilidades que os filósofos, as temáticas filosóficas debatidas em sala ou fora dela nos permite pensar. Talvez seja esse o olhar reflexivo que a Filosofia exige de nós. Com essa ótica, acreditamos estar o foco da formação do estagiário, ao oportunizar-se à abertura de sentidos que a prática docente em filosofia pode lhe proporcionar. O que faz com que passemos a enxergar o Estágio Supervisionado em Filosofia, não meramente como um momento de formação do estudante, preso em seu aspecto burocrático, avaliativo, mas em mostrar aos alunos a gama de possibilidades que o processo de formação docente contempla, atribuindo a esses a responsabilidade e autonomia diante de suas próprias escolhas para a sua formação docente. Eis o nosso desafio frente às diversas práticas educativas: Difícil, mas apaixonante!

### **Considerações finais**

Nossa aposta nesse texto consistiu em destacar a relevância do Estágio Supervisionado em Filosofia como uma experiência necessária para a formação docente. Para tal, concluímos que enxergar o estágio supervisionado como atividade filosófica, implica compreender o ensino como pesquisa investigativa e propiciadora de novos saberes. Assim, a orientação do estágio nos remete à pergunta pela formação docente, pelo fazer filosófico, cuja prática reflexiva engloba uma série de fatores relevantes para a sua efetivação.

Desse modo, destacamos a função do professor de filosofia como mediador do debate em sala e não como reproduzidor de conteúdos. A experiência do Ensino de Filosofia visa um debate no qual o professor, além de direcionar os interlocutores para a conversa filosófica, estimula o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo, tanto dos alunos como de si mesmo. Essa atitude filosófica é apontada por nós como ‘ação problematizante’ própria da filosofia, onde teoria e prática se entrelaçam na experiência do ensinar filosofia. Com isso, o diálogo é o sustentáculo dessa prática, que nos permite pensar o ensino de filosofia a partir de duas perspectivas: como oficina de pensamento e laboratório. Esses dois eixos possibilitam ao estagiário uma reflexão do seu próprio modo de fazer filosofia filosofando sob uma perspectiva interdisciplinar.

Nesse contexto, o convite que o Estágio Supervisionado de Filosofia nos faz, enquanto etapa constitutiva do processo de formação acadêmica, ultrapassa os muros da Universidade e introduz o estagiário no exercício do filosofar. Portanto, pode ser visto como um apelo à necessidade de dialogar com a multiplicidade de questões que envolvem a filosofia, como uma

atividade capaz de proporcionar a abertura de novos horizontes de compreensão do mundo e de nossa própria existência.

## Referências

ARAUJO, Raimundo Dutra. **O acompanhamento do Estágio Supervisionado na formação docente**. Curitiba: CRV, 2016.

\_\_\_\_\_. **O acompanhamento do estágio supervisionado no curso de pedagogia**: um diálogo com as concepções e as condições de trabalho dos supervisores. 2015. 189 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2015.

CARMINATI, Celso João. **Formação e ensino de filosofia**. Perspectiva Filosófica, Recife, v. II, n. 38, ago./dez. 2012

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: KOHAN, W. **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

\_\_\_\_\_. Ensino de filosofia e filosofia do ensino filosófico. In: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (Org.). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munõz. 3. ed. Rio de Janeiro: 34, 2010.

GALLO, Silvio. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na Educação Básica. **Educação e Filosofia**, Uberlândia/ MG, v. 22, n. 44, p. 55-78, jul./dez. 2008.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de Filosofia**: uma didática para o Ensino Médio. Campinas/SP: Papyrus: 2012.

KOHAN, Walter Omar. Como ensinar que é preciso aprender? Filosofia: uma oficina de pensamento. In: CORNELLI, G; CARVALHO, M. (Orgs). **Ensinar Filosofia: Volume 2**. Cuiabá: Central de Texto, 2013.

RODRIGO, Lúcia Maria. **Filosofia em sala de aula**: teoria e prática pra o Ensino Médio. Campina, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção Formação de Professores).